Horizontes Históricos.

“DESGRAÇADO E GRANDE ARTISTA”: OSCAR WILDE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA BRASILEIRA

“DISGRACEFUL AND GREAT ARTIST”: OSCAR WILDE IN THE PAGES OF THE BRAZILIAN PRESS

Johnatas dos Santos Costa[1]

Resumo: O presente artigo tem como proposta fazer uma análise da presença do escritor irlandês Oscar Wilde na imprensa brasileira, em especial, à época do julgamento que sofreu pela corte da Inglaterra por “flagrante indecência”. Igualmente polêmico e singular, Wilde foi motivo de estranhamento, críticas e piadas jocosas pelos jornais brasileiros do final do século XIX e início do XX. Por meio de uma pesquisa nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional, a exemplo iremos revisitar essa figura que permanece viva para parte da cultura e da literatura mundial.

Palavras-chave: Oscar Wilde; Imprensa brasileira; Século XIX.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the presence of Irish writer Oscar Wilde in the Brazilian press, especially at the time of his trial by the British courts for “flagrant indecency”. Equally controversial and singular, Wilde was the subject of ridicule, criticism and jokes in Brazilian newspapers in the late 19th and early 20th centuries. Through research in the digital archives of the Biblioteca Nacional, we will revisit this figure who remains alive for the cultural and literary world.

Keywords: Oscar Wilde; Brazilian press; 19th century.

[1] Doutorando em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Laboratório de História da Arte (LAHA/UFJF). Lattes: http://lattes.cnpq.br/2115137814213472. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-5760-461X. Bolsista CAPES. E-mail: johnatassantoscosta@gmail.com

Há um termo usado, especialmente, entre grupos LBGTQIA+ para referir-se a alguém que chama muito a atenção por onde passa, diz que "fulano *causou*!". O verbo "causar" ganha ares de adjetivo e, para quem está na roda de conversa, ele explica tudo o que as pessoas precisam saber. Seja lá o que o tal fulano tenha feito, foi algo digno de nota e não será facilmente esquecido. Ou seja, ele *causou*!

Na História, existiram inúmeras pessoas que *causaram*, que não passaram incólumes pela vida e que deixaram marcas sentidas até os dias atuais. Seja para a literatura, para a dramaturgia, para a Inglaterra ou para Irlanda e até mesmo para a comunidade LBGTQIA+, há alguém que *causou* durante toda a sua trajetória e encapsulou em si todo um capítulo histórico em cada um dos tópicos mencionados acima. Esse alguém é Oscar Wilde.

Se tem um adjetivo que podemos usar para descrever a vida de Wilde da forma mais simples possível é a palavra movimentada. O autor irlandês não teve uma vida meramente digna de nota, mas sim de inúmeras biografias[2]. E conscientemente quis tornar a sua passagem por esse planeta algo memorável. Um dos amigos de Oxford, Hunter Blair, relembra uma afirmação feita por Wilde nos tempos de universidade: "De qualquer maneira, não serei um esquálido deão de Oxford. Serei um poeta, um escritor, um dramaturgo. De uma forma ou de outra, serei famoso e, se não famoso, terei notoriedade" (HOLLAND, 2000, p. 42). Na exata ordem, o irlandês conquistou o que desejou, mas a premonição concretizou-se não de forma inteiramente positiva, como veremos a seguir.

Com uma vida adulta repleta de altos e baixos financeiros, lançamentos de peças teatrais que não deram certo (vide *Vera* e *A duquesa de Pádua*) e outras muito bem-sucedidas (cito *O leque de Lady Windermere* e *Uma mulher sem importância*), o ruído ensurdecedor causado pelo seu único romance *O Retrato de Dorian Grey*, a condenação judicial que sofreu por "flagrante indecência" (referindo-se à práticas homossexuais) e com uma morte solitária na Itália, a vivência de Oscar Wilde pode ser resumida em uma colocação popular brasileira: "falem bem ou falem mal, mas falem de mim".

O artigo que se segue versa sobre a presença de Oscar Wilde na imprensa brasileira do final do século XIX e início do XX. Após uma breve apresentação das primeiras citações a respeito do escritor nos jornais do Brasil, a exemplo do *Gazeta de Notícias*, e discussões acerca do seu vestuário, os "holofotes" se voltam para a veiculação do seu processo por indecência na justiça inglesa, ocorrido em 1895. Por meio de um trabalho hermenêutico nos jornais da época, ou seja, partindo da leitura, seguindo para a interpretação e o relacionamento entre opiniões e/ou notícias publicadas pelos periódicos, como por exemplo, *O Paiz*, *Jornal do Commercio* e o bissemanário de humor erótico *O Rio Nu*, apresentarei o que e como a imprensa brasileira tratou o julgamento do dramaturgo em suas páginas[3]. Ao mesmo tempo, cotejarei essas informações com fatos biográficos

[2] Nesse texto, terei como bases biográficas os textos escritos pelo neto de Wilde, Merlin Holland, intitulado *O álbum de Oscar Wilde* (2000) e o de Richard Ellmann, *Oscar Wilde* (1988). Porém, o dramaturgo possui inúmeras biografias produzidas sobre sua vida e carreira.

[3] Agradeço à professora Dra. Maria Cláudia Bonadio por ter realizado uma leitura prévia desse texto e ter feito

do artista.

WILDE NA IMPRENSA BRASILEIRA: PRIMEIRAS APARIÇÕES

Por meio de uma pesquisa no arquivo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional os primeiros achados sobre Oscar Wilde na imprensa brasileira datam de, pelo menos, 1882. O jornal *Gazeta de Notícias* de 15 de março daquele ano fez menção a um dos elementos que tornaram Wilde famoso: o seu apreço e devoção pela estética. A eterna busca pelo belo e o visual considerado extravagante por muitos, rendeu parágrafos no periódico carioca. Nas palavras do colunista,

> [Oscar Wilde] Um dia deparou com as obras de Ruskin e declarou-se "estético". Ele e outros basbaques como ele descobriram que um dos fins da vida era procurar o belo em tudo; e a primeira coisa que fizeram foi vestirem-se de modo diverso do resto da pobre humanidade. O *Punch*, de Londres, descobriu, a seu turco, que na linguagem exagerada da nova "escola", e no traje e hábitos de seus neófitos havia uma mina preciosa para o lápis de [George] du Maurier, cujos cartões tornaram-se popularíssimos. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, p. 1)[4]

Ainda na mesma sessão, o jornalista relata a presença de Wilde nos Estados Unidos dizendo que ele "está muito enjoado da América e talvez publique uma obra contra este país." (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1882, p. 1) O suposto desapontamento do irlandês com o país americano rendeu inúmeras manchetes por lá e a sua chegada foi envolta de frenesi por parte dos jornalistas. Sabendo do burburinho que sua chegada estava causando, Wilde aportou em Nova York no dia 24 de dezembro de 1882 e diante das inúmeras questões dos jornalistas, ele disparou: "Não tenho nada a declarar a não ser minha genialidade" (HOLLAND, 2000, p. 102). Mais uma vez, a consciência do poder de uma boa aparição se faz presente.

Essa viagem para os Estados Unidos fora planejada pelo produtor Richard D'Oyly Carte com o objetivo de que o autor explicasse aos norte-americanos quem eram os estetas. Ao mesmo tempo, essa era uma oportunidade para consolidar a sua carreira. A turnê de Wilde foi um sucesso. O planejamento era de cinquenta conferências em quatro meses, mas, na prática, foram feitas 140 conferências em 260 dias. O dramaturgo passou por todo os Estados Unidos e viajou duas vezes para o Canadá.

É dessa passagem bem-sucedida pelas terras norte-americanas que saiu o famoso ensaio feito com o fotógrafo canadense Napoleon Sarony. O resultado desse encontro de artistas é a produção de 27 fotografias que construíram uma imagem de Wilde para o mundo (figura 1).

apontamentos que enriqueceram o debate aqui apresentado.

[4] Todas as citações retiradas dos jornais utilizadas nesse artigo foram atualizadas para a grafia do português atual, no intuito de uma melhor compreensão textual. Manteve-se, no entanto, a pontuação utilizada na época de sua publicação.



Figura 1. Oscar Wilde (1882). Fonte: Napoleon Sarony/The Metropolitan Museum

Em uma “disputa imagética”, enquanto as caricaturas dos jornais criaram e exageraram em cima da figura do irlandês, destacando trejeitos, vestimentas e gostos (figura 2) a fim de, em geral, ridicularizá-lo, as fotografias de Sarony foram, de alguma forma, para Oscar Wilde a produção consciente de uma imagem de si mesmo – também, em alguma medida, de maneira exagerada.



Figura 2. Stick me with a sunflower (1882). Fonte: E. B. Duval/William Andrews Clark Memorial Library

Se partimos da lógica benjaminiana de que “com a fotografia, o valor de exposição começa a fazer retroceder o valor de culto em todas as frentes” (BENJAMIN, 2023, p. 67) dada a sua natureza reprodutível, as imagens que o fotógrafo canadense e o escritor irlandês produziram exerceram, de alguma forma, uma postura contrária. As poses, os cenários escolhidos e as roupas

elegantes utilizadas nas imagens deram a Wilde uma "aura", uma imagem para a posteridade que segue sendo reproduzida mesmo um século depois de sua feitura. Afinal, se pensarmos em Oscar Wilde nos dias atuais ou se buscarmos rapidamente o seu nome nos *sites* de pesquisa, a imagem que aparecerá com certeza será uma das 27 produzidas no estúdio de Napoleon Sarony[5].

Além da matéria do *Gazeta,* a turnê de Wilde pelos Estados Unidos foi digna de nota na edição de 24 de março de 1882 do jornal *The Rio News* em que se relata o desejo de amigos do autor em trazê-lo ao Rio de Janeiro. Diz a nota:

> O poeta Oscar Wilde, depois de expressar sua grande decepção com o oceano Atlântico por ser "manso e desinteressante", seus amigos devotados estão agora desejosos de que ele visite o Rio de Janeiro para inspecionar a famosa gruta no Jardim da Aclamação. Se isso não o trouxer, seus amigos se desesperam com a possibilidade de uma reconciliação entre ele e esta pobre Terra (THE RIO NEWS, 1882, p. 5, tradução nossa)[6]

Diante dessa informação, é de se imaginar como uma possível passagem de Oscar Wilde pelo Rio de Janeiro monárquico impactaria a sua vida e os seus escritos.

WILDE, O DÂNDI

O projeto de Oscar Wilde de nunca passar despercebido por onde transitasse era algo levado a sério. Seja no comportamento, nas suas falas ou nos seus trabalhos, o irlandês tinha consciência do que fazer para chamar a atenção daqueles que estivessem à sua volta. Ele assumiu e bancou uma postura que a Inglaterra vitoriana e o ocidente não estavam preparados para entender e abraçar. Ele como "observador estudioso, elegeu a artificialidade como meio de desocultação diante da angústia silenciosa trazida pelo progresso" (FERREIRA, 2009, p. 131). Em resumo, ele foi "um dândi por excelência" (FERREIRA, 2009, p. 130).

Dado a especificidade desta pesquisa, não cabe estabelecer um detalhado debate sobre o que foi o dandismo e sobre quem eram os dândis. A palavra *dandy* remonta ao início do século XIX,

[5] Importante mencionar que a reprodução desmedida das fotografias de Wilde renderam um processo, na Suprema Corte dos Estados Unidos, entre Sarony e a Companhia Litográfica Burrow-Giles. A empresa reproduziu 85 mil cópias da fotografia número 18 do ensaio de Sarony com fins comerciais e não creditou o fotógrafo nas imagens e nem lhe pagou pelo uso delas. O caso abriu um novo precedente na justiça norte-americana e o processo tornou-se o alicerce jurídico para o estabelecimento da legislação de direitos autorais sobre qualquer propriedade intelectual, em especial, materiais fotográficos. Para mais detalhes, cf. GAINES, Jane. *Contested Culture*: The Image, the Voice, and the Law. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

[6] O original escrito em inglês diz o: "The poet Oscar Wilde, having expressed his keen disappointment in the Atlantic Ocean on the score of its bemg 'tame and uninteresting,' his devoted friends are now desirous that he shall visit Rio de Janeiro in order to inspect the famous grotto in the Jardim d'Aclamação. If that don't fetch him, his friends despair of ever effecting a reconciliation between him and this poor Earth" (THE RIO NEWS, 1882, p. 5). O texto parece ter um tom irônico indicando que haveria algo de imperdível para o autor irlandês ver no Rio de Janeiro. Ao pesquisar o local citado, o Jardim d'Aclamação, as informações encontradas nos levaram ao Campo da Aclamação, um dos nomes que recebeu a atual Praça da República, localizada no centro do Rio de Janeiro, e que extra oficialmente é conhecida também por Campo de Santana. Se a relação estiver correta, o tal Jardim ou Campo da Aclamação foi durante o final do século XIX e início do XX um espaço de sociabilidade homossexual na, então, capital do Brasil. De acordo com o médico José Ricardo Pires de Almeida, em seu livro *Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões do instinto genital* (1906), alguns dos espaços que os "invertidos" ocupavam no final do século XIX, no Rio de Janeiro, eram: "as portas dos teatros, os cafés, os restaurantes, os bilhares, as portarias dos conventos, as escadarias das igrejas, os arvoredos do campo de Sant'Anna, as casas de banhos, os porões dos teatros" (ALMEIDA, 1906, p. 78-82 *apud* GREEN, 2000, p. 91). Logo, se retornarmos à nota do *The Rio News*, o espaço que Wilde deveria conferir na cidade fluminense era um local destinado ao público homossexual.

na Inglaterra, mas suas origens são nebulosas, a linhagem de dândis é extensa e o conceito em si é complexo. Fico, nesse momento, com as linhas gerais postas por Pedro Paulo Catharina (2009, p. 62) sobre o que era o dândi:

> Oriundo das altas classes sociais inglesa e francesa, o dândi como personagem social migra para as páginas da literatura, notadamente no gênero romanesco e, a partir daí, traça um criativo vaivém reunindo elegantes da sociedade, escritores e seus personagens. Nesse movimento, modifica-se, adquire novos contornos, não podendo ser visto de maneira monolítica. O dândi está em tensão constante com seu meio, sobretudo com seus antagonistas sociais.

Acrescento à conceituação de Catharina, detalhes propostos por Stella Ferreira (2009, p. 130):

> O que importa para o dândi é a superioridade interior, a independência, a ausência de objetivos práticos e razões precisas para seu modo de ser. [...] tem como regra não aceitar regras, identificando-se como anarquista. [...] as roupas o libertam do fardo de uma realidade complexa, gerando um prazer grandioso e na modificação dos hábitos estaria a composição de um ser poético. [...] o dândi constrói-se como obra de arte, como meticulosos movimentos que o aproximavam de um ideal de beleza caracterizado pelo transbordamento.

O vestuário, tão caro ao dândi, foi tópico de muito de interesse de Oscar Wilde e foi notado e registrado pela imprensa. Após a sua primeira conferência em solo norte-americano, no dia 9 de janeiro de 1882, o *New York Times* descreveu Wilde da seguinte forma:

> Seus cabelos longos e espessos se aglomeravam na frente das orelhas e quase na altura dos olhos, mas estavam bem penteados para fora da testa. Ele usava uma camisa de gola baixa com um colarinho virado para baixo e uma grande gravata branca, um casaco preto com garras e um colete branco, calças na altura dos joelhos, meias pretas longas e sapatos baixos com laços (NEW YORK TIMES, 1882 *apud* GUERRERO, 2019, p. 429, tradução nossa).[7]

Na já citada edição de 15 de março de 1882, o *Gazeta de Notícias* também menciona os trajes de Wilde nos Estados Unidos:

> Hoje aqui anda perambulando Oscar Wilde, com calções pretos, meias de seda preta, casaca cortada como outra qualquer, colarinhos dobrados e enormes, a fita do relógio sendo de chamalote de cerca de três centímetros de largura e rematada por um sinete pesado. O poeta-estético traz o cabelo até os ombros e tem uma expressão estólida e sensual.

É interessante perceber que não só as descrições se assemelham (talvez, em alguma medida, o texto da *Gazeta* tenha se inspirado em textos como o do *Times*), como elas também possuem similaridades com a ilustração divulgada pelo *The National Police Gazette* (figura 3) em que mostra Oscar Wilde fazendo sua primeira conferência em solo norte-americano.

[7] O original diz: His long and bushy hair crowded in front of his ears and nearly to his eyes, but it was brushed well off his forehead. He wore a low-necked shirt with a turned-down collar and large white necktie, a black claw-hammer coat and white vest, knee-breeches, long black stockings, and low shows with bows (NEW YORK TIMES, 1882 *apud* GUERRERO, 2019, p. 429).



Figura 3. Oscar Wilde on the Platform (1882). Fonte: The National Police Gazette

Dez anos depois dessa descrição publicada pela *Gazeta*, o vestuário de Wilde ainda era assunto presente na imprensa brasileira. Em uma edição de janeiro de 1892, ao publicar um texto sobre o esteticismo, o *Jornal do Commercio* comenta que o escritor abraçou o movimento de todas as maneiras possíveis e, apesar dele não ser o único integrante, "o Sr. Wilde é nem mais nem menos do que chefe dos *estéticos* ingleses" (JORNAL DO COMMERCIO, 1892, p. 2). O *Jornal do Commercio* segue a reportagem com uma crônica de Hugues Le Roux sobre a originalidade dessa escola e como ela domina inúmeras características da vida cotidiana daqueles que se interessam por ela e, no fim, reforça o apego de Wilde às suas vestimentas. Baseando-se no relato de Roux, eles dizem que diferente de William Morris, que levou o esteticismo para a mobília da sua casa, Wilde chamou a atenção para o vestuário ao escolher um traje que remetia a um "adolescente medieval".

> Um belo dia, a turba que incessantemente coleia em Piccadilly abriu alas para deixar passar um ente estranho, de olhar estático, vestido com um fato gótico e tendo na mão um ramo viridente de tornassol. Era o nosso amigo Oscar Wilde, a protestar contra a odiosa tirania do *cheviot* e da cartola e proclamando, em face da multidão banal e correta a nova estética da alfaiataria e artes correlativas (JORNAL DO COMMERCIO, 1892, p. 2)[8].

As discussões acerca da vestimenta de Wilde ocuparam os jornalistas por diversos anos. Por exemplo, é sabido o constante uso do cravo verde pelo escritor, seja em fotos, conferências ou saídas à rua no dia a dia. Para os jornalistas, havia um significado particular no uso da flor, mas, segundo o figurinista W. Graham Robertson em sua biografia, o dramaturgo havia dito que as flores

[8] O jornal indica que a flor usada por Wilde nesse passeio foi um tornassol. No entanto, baseando-se na biografia de Richard Ellmann, o lírio, flor pela qual era encantado, deve ter sido a planta utilizada pelo irlandês. "Foi Wilde também quem "andou por Piccadilly com uma papoula ou um lírio em sua mão medieval" - ou melhor, uma mão renascentista - ou pelo menos foi dito que ele fez isso." [Original: "It was Wilde too who had 'walked down Piccadilly with a poppy or a lily in his medieval hand'—rather a Renaissance hand—or at least was said to have done so." (ELLMANN, 1987)]

nada significavam: “nada, mas é exatamente isso que ninguém vai saber”[9] (HARPER, 1931, p. 135 *apud* BECKSON, 2000, p. 387, tradução nossa). Relevante dizer que nenhuma fonte comprobatória dessa fala foi encontrada. Por sinal, o biógrafo Richard Ellmann (1987), nos informa que a sua paixão por flores foi notável durante toda a sua vida, em particular, por lírios, girassóis e, o já citado, cravo. No Brasil, o periódico carioca *O Mercúrio*, ao descrever os trajes do irlandês, menciona que “uma flor caprichosa na abotoadura, completava este vestuário estranho e ao mesmo tempo meticuloso” (1898, p. 7).

Contudo, devido às histórias que se contava e ao processo contra “práticas indecentes” no qual o autor foi condenado, o cravo verde tornou-se um símbolo ligado à homossexualidade e, para muitos, à perversão. Em biografias que escreveu sobre o dramaturgo, o britânico H. Montgomery Hyde alega que “o hábito de Wilde de usar em sua botoeira um cravo artificialmente colorido de verde, um emblema característico que ele sabia ser usado por homossexuais em Paris, foi rapidamente adotado por seus jovens admiradores deste lado do canal” (HYDE, 1974, p. 57 *apud* BECKSON, 2000, p. 390, tradução nossa)[10]. No entanto, não há documentações que comprovem tais conexões.

O estilo de Oscar Wilde era chamativo para muitos e ele sabia que isso chocava as pessoas por onde passava. Ele ser tido como líder dos estetas pode ser considerado um exagero, mas não é errado pensar que ele foi umas das figuras mais proeminentes do movimento. Ainda assim, líder ou não, a Inglaterra vitoriana cobrou dele um preço muito alto por isso. Em 1895, a vida de Wilde sofreu um revés que qualquer romancista e dramaturgo veria esse momento como o clímax de uma história ficcional. No embate com seus “antagonistas”, Wilde sofreu de maneira irreversível.

“A GLÓRIA E O SEU CORTEJO DE HORRORES”[11]

Cinco anos antes do “clímax” de sua vida, em 1890, Oscar Wilde lançou, ao mesmo tempo na Inglaterra e nos Estados Unidos, o seu mais célebre e único romance: *O Retrato de Dorian Gray*. Já sendo conhecido pelo grande público e estando casado com Constance Lloyd (a cerimônia ocorreu em maio de 1884), o livro chocou os ingleses, mas revolucionou a Inglaterra. Foi seu momento glorioso ainda em vida.

> A obra que o tornou uma figura emblemática tanto aos olhos de seus fãs quanto de seus críticos, e que mais tarde desempenharia importante papel em sua queda ao ser usada como prova contra ele no tribunal. O romance modificou a forma pela qual os vitorianos viam e compreendiam o mundo que habitavam, em especial com respeito à sexualidade e à masculinidade (FRANKEL, 2013, p. 12).

Apesar de críticas que valorizavam a obra de Wilde terem sido publicadas, as controvérsias acerca do romance dominaram o debate público e inúmeras resenhas ferozes circularam. De acordo

[9] A citação original é: “Nothing whatever, but that is just what nobody will guess” (HYDE, 1974, p. 57 *apud* BECKSON, 2000, p. 387).
[10] O original diz: Wilde’s habit of wearing in his buttonhole a carnation artificially coloured green, a distinctive emblem which he knew to be worn by homosexuals in Paris, was speedily taken up by his youthful admires on this side of the channel” (HYDE, 1974, p. 57 *apud* BECKSON, 2000, p. 390).
[11] Referência ao título do romance de TORRES, 2017.

com um resenhista do *Daily Chronicle*, *O Retrato de Dorian Gray* era um "estudo, escrito com prazer malévolo" inspirado na "literatura leprosa dos decadentes franceses – uma obra venenosa, cuja atmosfera está carregada dos odores mefíticos da putrefação moral e espiritual" (FRANKEL, 2013, p. 13).

Na época, alguns desses textos faziam relações subliminares, mas hoje em dia conhecidas, a um escândalo que dominou a imprensa e as conversas inglesas. Quando o comentarista da revista literária *Scots Observer* diz que Wilde "só pode escrever para nobres fora da lei e jovens telegrafistas pervertidos" (FRANKEL, 2013, p. 14), ele faz referência direta ao caso de *Cleveland Street.*

Ocorrido em 1889, o tal escândalo se deu quando a polícia, ao realizar uma investigação na *Cleveland Street*, descobriu que, na casa de nº 19, rapazolas, muitos deles telegrafistas, ofereciam serviços sexuais a clientes aristocráticos. Até que todos os figurões se livrassem de provas que lhes condenassem, o governo pressionou a polícia para não realizar nenhuma prisão. No entanto, isso pegou mal. A opinião pública foi feroz condenando veementemente a postura policial e a falta de punições mais severas a todos os envolvidos. A ansiedade quanto ao comportamento homossexual aumentou e, nesse cenário, em julho de 1990, *O Retrato de Dorian Gray* foi publicado repleto de codificações que, aos olhos de muitos, era uma ode ao "amor que não se fala o nome".

A história de Dorian Gray, publicada primeiramente na revista norte-americana *Lippincott's Monthly Magazine* em 1890, foi lançada como livro em 1891 com uma série de modificações motivadas, em grande parte, pela resposta negativa da crítica e do grande público. O editor da revista, J. M. Stoddart, antes mesmo de publicar a primeira versão do texto no periódico já havia feito modificações importantes no material, mas, no seu lançamento enquanto livro, as alterações são notáveis. O texto foi suavizado e trechos foram retirados. "A grande maioria das modificações substantivas introduzidas pela *Lippincott's* está centrada em questões sexuais." (FRANKEL, 2013, p. 62).

No entanto, diante dos tribunais, tudo isso veio à tona quando em 1895 o irlandês foi condenado por "flagrante indecência" ao relacionar-se com o jovem lorde Alfred Douglas. Douglas foi um dos vários rapazes com quem Wilde se relacionou – os seus estudiosos especulam que desde pelo menos 1870, enquanto estava em Oxford, o dramaturgo teve envolvimentos homoeróticos, porém, o caso amoroso de ambos foi o mais desastroso para o irlandês.

Antes de ser parceiro de Oscar Wilde, o jovem Douglas era um fã. Segundo biógrafos, ele teria lido *Dorian Gray* nove vezes antes de conhecer o escritor. Após conhecê-lo, em 1891, e ficar lisonjeado com os comentários do fã, Wilde o presentou com uma edição de luxo do livro. A partir daí, de meros conhecidos, não demorou muito para que ambos passassem a se envolver. Alfred Douglas foi quem apresentou a subcultura homossexual londrina para Oscar Wilde. Se até então Wilde cercava-se de jovens rapazes aspirantes a poetas, na companhia de Alfred ele conheceu garotos de programa e proxenetas. O escritor apaixonou-se por Douglas e não reservou esse amor para a privacidade. Jantares foram feitos, cartas foram escritas, o romance era conhecido por

aqueles que conviviam intimamente com o casal. Ao mesmo tempo, muitos desaprovavam o relacionamento, em particular, o marquês de Queensberry, o pai do jovem.

Após ter acesso a uma das cartas românticas de Wilde para Douglas, Queensberry posicionou-se contra o casal e nem a ameaça de cortar a mesada do filho o impediu de conviver com o dramaturgo. Ainda assim, isso não atrapalhou o marquês de tentar pôr fim ao relacionamento. Queensberry seguiu o casal em inúmeras ocasiões e em espaços que eles frequentavam. Em 1894, foi à casa de Wilde acompanhado de um famoso lutador de boxe fazer ameaças ao irlandês, mas esse não pestanejou e o expulsou de sua moradia. Na estreia da peça *A importância de se chamar Ernesto*, em julho de 1895, o marquês tentou causar uma confusão, a qual Oscar descobriu e com o auxílio da polícia, o impediu de entrar no teatro. Dias depois, Wilde recebeu um bilhete do nobre: "Para Oscar Wilde, que posa de sodomita" (HOLLAND, 2000, p. 158).

Inflamado por Douglas, Wilde processou Queensberry por calúnia a fim de fazer ele parar com as perseguições e ameaças. Enquanto o escritor preparava-se para enfrentar o quase sogro nos tribunais, o marquês e seus advogados reviraram a sua vida com o intuito de comprovar comportamentos homossexuais do autor. Amigos próximos tentaram fazer com que Wilde desistisse do julgamento, mas afetado pelo amor que sentia por Douglas, que queria vingar-se do pai, os trâmites deram seguimento. Aquilo que começou como uma denúncia de calúnia de Wilde para Queensberry, tornou-se um julgamento contra a homossexualidade do escritor.

O irlandês viu-se em meio a uma trama de evidências homossexuais aventadas pelos advogados do marquês que, no fim, lhe foi fatal. Em 5 de abril de 1895, ele foi preso. No dia 26 daquele mesmo mês o primeiro julgamento contra as práticas homossexuais supostamente praticadas pelo poeta iniciou-se. No tribunal, a primeira edição de *O Retrato de Dorian Gray* foi recuperada pelos advogados da acusação e nela elencaram uma série de supostos elementos que, de alguma forma, faziam ode ao homoerotismo. Wilde defendeu sua obra com brio e foi aplaudido pela plateia. Quando o júri se declarou incapaz de dar um veredito, o julgamento foi suspenso. Os advogados de Queensberry saem dos holofotes e a Coroa tomou a cena. Diante da extrema visibilidade que o caso ganhou, no dia 25 de maio de 1895, quatro dias depois do início de um segundo julgamento, o veredito foi dado: Oscar Wilde foi condenado a dois anos de trabalhos forçados por indecência grave.

NO BANCO DOS RÉUS E NAS PÁGINAS DA IMPRENSA BRASILEIRA

De maneira variada, a imprensa brasileira noticiou o imbróglio de Oscar Wilde na justiça inglesa. Sem explorações sensacionalistas, os textos, em geral, tinham um viés mais informativo. Num quadro geral, em abril, pequenas notas eram lançadas com o decorrer dos fatos. Em maio de 1895, as informações passaram a ser bem mais detalhadas.

O *Jornal do Commercio* informou no dia 6 de abril de 1895 que "o poeta Oscar Wilde, autor do processo contra o Marquês de Queensberry, acaba de retirar a sua queixa. Esta notícia causou viva impressão na Inglaterra" e, na mesma edição, disse que "a questão entre o poeta Oscar Wilde

e o Marquês de Queensberry está definitivamente concluída; amanhã ela será submetida aos juízes encarregados da instrução deste assunto".

A figura do marquês foi questionada pelos jornalistas. O periódico *Estado do Espírito- Santo* (1895, p. 1) ao falar do processo inicial – o de calúnia – referiu-se à Queensberry como "excêntrico marquês" e relembrou aos leitores que Oscar Wilde era "casado e homem de família". Já *O Paiz* de 16 de abril noticiou as razões que levaram Wilde a processar o marquês e fez um perfil nada honroso de Queensberry.

> O marquês em questão é meio doido. Em tempos queria assassinar lorde Rosebery, porque o primeiro-ministro o não tinha nomeado par de Inglaterra, e agora quer assassinar o poeta Wilde, porque este simbolista passeia constantemente com o seu filho, que, diga-se de passagem, considera o pai como um pateta perigoso às vezes. É um filósofo desorientado, fazendo as vezes de budista, outras vezes de materialista, depois de católico exaltado. Em Londres toda gente foge dele e no clube que frequenta são poucos os sócios que lhe falam (O PAIZ, 1895, p. 2).

Porém, quase um mês depois, na edição de 2 de maio de 1895, o mesmo *O Paiz* trouxe todo o julgamento em detalhes e a opinião sobre Queensberry já era inteiramente diferente. Ele passou a ser visto como uma figura honrosa: "o marquês, que é um homem honestíssimo, tem um desprezo profundo pelo filho" (p. 2). Agora, havia também, uma explicação lógica para a raiva do marquês pelo lorde Rosebery: "é devida à guerra que lorde Rosebery lhe fez sempre, impedindo que ele fosse nomeado, como de direito, par da Escócia" (p. 2). Descrição semelhante é dada pelo *O Commercio de São Paulo* que justifica a excentricidade do marquês dizendo: "o seu afastamento da sisudez britânica é de frente; consiste na valentia" (1895, p. 1).

A condenação que o dramaturgo recebeu da justiça também foi destaque na imprensa brasileira. O *Jornal do Commercio* publicou em julho de 1895 – época em que Wilde já estava preso – uma reportagem explicando do que se tratava a condenação do dramaturgo irlandês. E, respondendo primeiramente do que se tratava o tal *hard labour*, eles o classificaram como "um verdadeiro suplício" (1895, p. 5), mesmo adjetivo que foi utilizado pelo impresso *Minas Geraes: Orgam Official dos Poderes do Estado*, em 1897, ao falar sobre o caso de Wilde. Linhas abaixo dessa caracterização, o *Jornal do Commercio* faz questão de frisar que ao classificar tão punição como suplício eles não concordam com os atos do condenado, mas não podem deixar de se sensibilizar com a rigidez da justiça britânica. Ao questionarem os leitores se eles acham que a pena recebida é proporcional ao crime remetido, os redatores lançam:

> Deus me livre de defender um dos vícios mais asquerosos da humanidade, mas não posso deixar de considerar semelhante suplício como indigno em absoluto de figurar no arsenal repressivo de uma nação civilizada, e em relação aos atos atribuídos a Wilde, como uma revoltante injustiça e crueldade (JORNAL DO COMMERCIO, 1895, p. 5).

É interessante notar essa injustiça e crueldade identificada pelos redatores à condenação de Wilde porque parágrafos acima do trecho citado eles o chamam de "desgraçado".

O maior destaque dessa reportagem não é necessariamente as opiniões que os redatores do *Commercio* têm sobre o caso do escritor, mas sim a descrição detalhada do que seria o dia de

um condenado a trabalho pesado. Os redatores não informam de onde essa descrição foi retirada, mas ainda assim vale a pena mencioná-la aqui. Ressalto que o texto é um tanto longo, mas é a descrição pertinente:

> Às 5 horas da manhã, o condenado, que passara a noite em uma cela mobiliada com uma tarimba de pão, sem colchão, e com uma única coberta, foi conduzido, nu, a uma sala de banho, onde, depois de lavado, lhe foi tomado o peso.
>
> Porque é necessário que os condenados emagreçam e que o castigo determine uma perda de vitalidade e de energia. Depois disso, vestido com o uniforme dos presos, foi conduzido no *treadmill*, moinho de disciplina, para aí se transformar em agente de uma motriz, distribuída pelas oficinas da prisão.
>
> Imaginem uma roda gigantesca, cujos raios atingem quatro metros e cuja circunferência se acha dividida em pás, pouco mais ou menos como a de uma roda de barco a vapor. Existe, porém, uma diferença entre os dois aparelhos: a roda do barco age sobre a água em virtude de uma propulsão interior, ao passo que a do *treadmill* recebe de fora a sua propulsão, que lhe é fornecida exclusivamente pelos condenados ao *hard labour*.
>
> Na parte superior da circunferência, as pás passam junto de estreita células, onde representam o papel de degraus fugidios de uma escada em movimento.
>
> Introduzido em uma dessas células, o condenado vê-se obrigado a suspender-se com as mãos a dois anéis, que se balançam por cima de sua cabeça, e apesar com todo o seu peso sobre as pás que desfilam, a fim de acionar o movimento dessa grande roda, que nem sequer chega a ver. Se hesita, um guarda colocado por detrás dele, pode aplicar-lhe uma chicotada: se para, a roda, no seu movimento contínuo, bate-lhe rudemente nos pés; se tropeça, arrisca-se a ficar com uma perna partida; se se recusa a trabalhar sofre a pena disciplinar do chicote, 'o gato de nove caudas'. Esta arma de fino couro entrançado arranca a pele ao primeiro golpe e ao segundo flagela a carne viva.
>
> O trabalho do *treadmill* determina uma tão exauriente fadiga que os condenados lhe são apenas submetidos durante três horas por dia, hora e meia de manhã, hora e meia de tarde; e ainda o trabalho é regulado por forma que em seguida a cada dez minutos de propulsão forçada, há cinco minutos de descanso. (JORNAL DO COMMERCIO, 1895, p. 5)

Os detalhes nada agradáveis nos ajudam a compreender a repulsa que os redatores demonstraram ao final do texto, mencionado aqui parágrafos acima. Uma vez condenado, Oscar Wilde foi transferido para a prisão de Pentonville, local em que a prática do *hard labour* era realizada. Para esclarecer ainda mais aquilo que o *Jornal do Commercio* descreve em detalhes, a figura 04 trata-se de uma fotografia do *treadmill* (esteira rolante, em uma tradução literal) da prisão de Pentonville e é provável que tenha sido em uma estrutura como essa que Wilde cumpriu parte de sua pena.



Figura 4. Prisoners on the treadwheel at Pentonville Prison (1895). Fonte: https://www.metamute.org/editorial/articles/riot-polit-econ

É de conhecimento biográfico que houve uma tentativa de os amigos do escritor apelarem à corte da rainha Victoria por um abrandamento da pena que ele sofreu. Em uma das tentativas encabeçada pelo poeta Stuart Merrill, uma carta foi enviada à monarca, mas em nada resultou. A revista portuguesa *Arte: Revista Internacional* reproduziu uma missiva enviada por Merrill para o poeta português Eugênio de Castro informando uma transferência de Wilde para um local em que ele teria "liberdade para escrever e onde cuidará de vales de jardinagem" (ARTE: REVISTA INTERNACIONAL, 1896, p. 101). Tendo em conta a informação que Merrill coloca na carta, ele referia-se, provavelmente, à chegada de Wilde ao Cárcere de Reading, local em que, com a autorização do diretor da Comissão de Prisão, ele pode ter acesso a papel, caneta e alguns livros que não fossem a Bíblia.

Em 1897, dois anos depois de sua condenação, Oscar Wilde foi libertado. Nesse momento, sua esposa Constance e seus dois filhos moravam na Suíça e tinham renegado o seu sobrenome, a partir de então eram Holland. Oscar e Alfred se reencontraram e partiram para Nápoles, no outono daquele ano, longe de amigos e família. Uma vez livre, o irlandês escreveu *A balada do cárcere de Reading*, o seu último trabalho, e o lançou em 1898, ano de falecimento de Constance.

Se, como dissemos, os julgamentos que sofreu foram o "clímax" da trajetória de Oscar Wilde, a sua prisão e o que se desenrolou após sua soltura compuseram um ato final trágico e melancólico. Em 1900, ele contraiu meningite e em 30 de novembro faleceu e foi enterrado como indigente. Seu amigo de longa data Robert Ross pagou-lhe, postumamente, todas as suas dívidas e só assim teve condições para transferi-lo ao famoso cemitério parisiense Pére-Lachaise. Hoje, o imponente mausoléu de Wilde é ponto de visitação de turistas e de fãs e só foi possível de ser feito porque, na época, admiradores do escritor ajudaram Ross financeiramente a realizar tal empreitada. Os detalhes desse acerto circularam pelo Brasil no jornal maranhense *A Pacotilha*:

> Em dezembro último os admiradores de Wilde celebraram em Londres a publicação das obras completas do poeta, oferecendo a Robert Ross um banquete.
> À saída desse banquete, uma senhora mandou-lhe entregar setenta e cinco mil

> francos, destinados à edificação do monumento de Oscar Wilde, no Pére-Lachaise. Esta senhora só impunha uma condição, e era que a execução do monumento fosse confiada a um escultor russo, Jacob Epstein, autor de algumas [estatuas] celebres. A condição foi aceita, e brevemente o monumento será inaugurado, fazendo-se a transladação dos restos do desgraçado e grande artista. (PACOTILHA, 1909, p. 2)

VAI-SE O HOMEM, FICA O MITO

O falecimento de Oscar Wilde não o jogou no limbo do esquecimento. Para bem ou para mal, a figura ou influência do escritor segue viva na cultura e na literatura. Na primeira década após a sua morte, a presença do irlandês na imprensa brasileira era notável. Em especial, quando se montava as suas peças nos palcos locais. A revista *Kosmos*, em 1905, trouxe algumas cenas de *Salomé* traduzidas pelo cronista Paulo Barreto, o João do Rio.

Importante dizer que João do Rio, além de ter sido um homem gay, tinha pública admiração por Wilde e é considerado um dândi brasileiro. James Green (2000, p. 97) o coloca em grupo de dândis junto com Ferraz de Macedo, Viveiros de Castro e Pires de Almeida. Destaca também que os passeios de Barreto, além de lhe darem repertório para as crônicas que eram publicadas pela imprensa carioca do início dos 1900, poderia também lhe proporcionar experiências homoeróticas com “marinheiros, soldados e figuras comuns, que eram os personagens de seus artigos e relatos” (GREEN, 2000, p. 97).

Junto à veiculação das cenas teatrais, algumas traduções de romances do autor também foram noticiadas e a sua sexualidade foi pauta, mesmo que ironicamente. O jornal de humor erótico *O Rio Nu* trouxe na sua capa de 19 de junho de 1909 a fotografia de uma mulher nua de costas para o leitor e ao lado dela um poema que menciona indiretamente a homossexualidade do dramaturgo irlandês.

> NADA HÁ QUE VER...
>
> Se Oscar Wilde, o bravo inglês
> Que adorava o *modernismo...*
> Visse agora esse... *chiquismo?*
> Santo Deus! Era uma vez!...
>
> Se a visse acabo o Gouveia,
> Outro gajo apreciador
> Destas *coisas?*... Ai, que horror!...
> Não lhe escapava a sereia!...
>
> E se o Pimentel a visse,
> Que dizes tu, meu amigo?
> Menor não era o perigo...
> Pois... talvez não resistisse!...
>
> E, se a visses tu, meu caro,
> Não sendo nenhum dos três,
> Se a visses em tal nudez...
> Não te punhas... em preparo?...
>
> E se eu a visse? Caramba
> Logo o tino perderia
> E... Creio que ficaria...
> Sem tardar de *perna* bamba!

(O RIO NU, 1909, p. 1)

Em jornais humorísticos como o mencionado, as palavras moderno, modernismo e afins tinham uma conotação sexual. Referiam-se, em muitos casos, à prática do sexo anal.[12] Contudo, o jornal citado vai além e liga a figura de Wilde a outras figuras homossexuais presentes no Rio de Janeiro dos 1900. O tal "Gouveia" mencionado no texto corresponde a um personagem que aparece no *Rio Nu* desde, pelo menos, 1906 e faz uma referência dupla ligadas à homossexualidade. Primeiro, vincula-se o Gouveia à figura de um homem mais velho que tem interesse por rapazes mais jovens. Na edição 846, de 1º de agosto de 1906, na sessão Concurso de Resposta, que contava com a participação dos leitores, o jornal perguntou "O que é que fazem depois das 10 certos meninos no largo do Rocio?". A questão não faz qualquer menção ao Gouveia, mas as suas respostas fazem. Respondeu o anônimo "B. Ato" (certamente um trocadilho com a palavra a qual o som evoca: beato):

Esses meninos que andam
Depois das dez a flanar,
Desejam, caros leitores,
O tal Gouveia encontrar...
Seguindo à risca o conselho
Deste provérbio bem velho
Que diz: 'Quem não tem dinheiro
Faz do seu c... candeeiro
(O RIO NU, 1906, p. 2)

Segundo, relacionam o Gouveia à prática de sexo anal. Na edição de 25 de julho de 1906, em uma cançoneta escrita por T. Bandeira, as referências ao Gouveia são múltiplas. Uma das estrofes diz:

Uma senhora que conheço
Que tem dezenas de amantes,
Que lhes pagam por bom preço
Os seus carinhos constantes…
Tem joias de alto valor,
De dinheiro ela anda cheia,
E, ganha-o fazendo amor…
Amor à moda Gouveia!...
(O RIO NU, 1906, p. 7)

Por meio de textos e charges, nas páginas do *Rio Nu*, sejam rapazolas, donzelas ou senhoras, ninguém passava incólume ao Gouveia ou às suas práticas. O personagem será protagonista, em 1914, de *O Menino do Gouveia*, um conto dividido em quatro capítulos, que continha uma ilustração de um mais velho relacionando-se sexualmente na posição de ativo com

[12] Por trás do pseudônimo Bock, o jornalista José Ângelo Vieira de Brito, que foi um dos colunistas e diretores do *Rio Nu*, produziu um dicionário em 1903 que reuniu uma série de palavras e gírias da época. Nessa obra, é possível verificar o que eles queriam dizer por "moderno", "modernismo" e, no caso do livro, "modernamente". Nas suas palavras, o verbete "modernamente" trata-se do "advérbio que anda atrás da civilização. De maneira moderna, como se usa hoje. Pelo novo sistema... Uma coisa caída do céu para as mulheres que se não querem comprometer" (BOCK, 1903, p. 90 *apud* PRETI, 1983). Em minha leitura, o "advérbio que anda atrás da civilização" refere-se às nádegas de uma pessoa, em particular das mulheres, pois para elas – segundo o dicionário – o uso dessa parte corporal seria uma dádiva dos céus na qual elas poderiam utilizar, mas sem maculá-las moralmente.

um jovem de 16 anos, e é considerado por muitos estudiosos, a exemplo de James Green (2000, p. 68) como “a primeira história pornográfica homoerótica brasileira”.

No entanto, caso esteja se perguntando quem, de fato, era o tal Gouveia, Valmir Costa (2020) em uma minuciosa pesquisa, nos apresenta uma história que ocupou algumas edições de *O Paiz* em 1906. Segundo o pesquisador, a terminologia “Gouveia” deve ser oriunda de uma “suposta violência sexual que envolveu o senhor comerciante do Rio de Janeiro Manoel Gouveia, como agressor, e um homem de 40 anos, que não tem nome revelado na notícia publicada em 18 de junho de 1906 no jornal *O Paiz*” (COSTA, 2020, p. 450). O caso chamou a atenção da população devido a violência sexual denunciada à polícia ter envolvido dois homens. No entanto, no decorrer das investigações descobre-se que a vítima, Luiz Mendes de Mello, mais conhecido como “Lulu”, era homossexual e essa informação, aos olhos da polícia, era muito mais grave do que a embriaguez que lhe acometia no dia do caso relatado. Junto a isso, as investigações relevaram que a denúncia era fruto de um plano desmoralizador de inimigos do comerciante, no qual “Lulu”, já conhecido pela sua homossexualidade, foi usado como bode expiatório para prejudicar Gouveia. No fim, o comerciante vai de autor do caso para vítima, a denúncia é arquivada, porém, como bem delineia Costa (2020, p. 450), “vai-se a acusação, mas fica a fama.”

Voltemos ao texto em que o jornal cita o escritor irlandês. Após lê-lo, é perceptível que *O Rio Nu* brinca com a irresistibilidade feminina. Para o autor anônimo do texto, não há apreço ao “modernismo” que impedisse os homens citados em avançar sobre a mulher. Nem mesmo Oscar Wilde.

Além de menções irônicas, a homossexualidade do escritor tornou-se uma grande referência à sua pessoa. Atualmente, ele segue sendo lembrado, seja nomeando sociedades literárias e fundações de arte, ou, por causa de sua orientação sexual, por grupos LGBTQIA+, como um símbolo, ou até mesmo por usuários na internet em tom de humor. Na rede social *X* (o antigo *Twitter*), uma usuária brinca sobre a possível personalidade do romancista ao compará-lo com o matemático Alan Turning, também um homem gay, citado em outra publicação (figura 5).



Figura 5. O Oscar Wilde era gay de humanas […] (2024). Fonte: Bruna Nosferato/*X* (antigo *Twitter*)

A autora do texto especula sobre a personalidade do dramaturgo tendo como base as fotografias que existem dele. Essas imagens – citadas na postagem – são do ensaio feito por Napoleon Sarony e já mencionadas aqui. Imagens que, como dissemos, foram uma elaboração de Wilde sobre ele mesmo e foram elas que, de fato, fixaram-se na memória coletiva. O texto conjectura sobre coisas as quais não possui embasamento empírico, mas baseia-se nas imagens do escritor considerando, para quem as olha atualmente, as suas possíveis mensagens. É o poder da imagem que Wilde e Sarony construíram. É a criação de um testemunho, tal como afirma Boris Kossoy (2012, p. 52): “toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”.

Esse testemunho que deu ao irlandês uma “aura” maior do que a existência do seu próprio corpo e, no fim, como desejava, Oscar Wilde manteve-se presente estando vivo ou não. O dito “falem bem ou falem mal, mas falem de mim” certamente seria aprovado pelo escritor e, talvez, ele clamasse pela autoria da frase ainda que nunca a tivesse proferido. Isso renderia alguma polêmica e ele voltaria ao local que era de seu agrado: os holofotes – se é que um dia ele tenha saído dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a um entrelaçamento de informações entre a vida de Oscar Wilde e as notas e notícias que a imprensa brasileira divulgou sobre ele no final do século XIX, esse texto teve como intenção averiguar que “imagem” os periódicos elaboraram sobre o escritor aqui no Brasil. Mencionando a sua participação no grupo dos estetas, divulgando informações sobre a sua vestimenta e relatando o desenrolar do seu julgamento em Londres, os jornais brasileiros

veicularam um Oscar Wilde envolto de excentricidade, novidade e um pouco de estranheza. Por aqui, ele não foi condenado pelo seu comportamento, suas escolhas estéticas ou sua orientação sexual. Até onde investigamos, Oscar Wilde sempre soou exótico nas páginas brasileiras.

Wilde foi símbolo das novidades que circulavam pela Europa, mas ultrapassou os limites da moralidade e, por isso, foi punido pela lei. Impressos como o *Jornal do Commercio* detalharam a situação à qual o artista foi submetido na cadeia com um certo tom de condescendência, mas, aos olhos de hoje, nos geram a dúvida: será que a divulgação pormenorizada do *hard labour* não foi, talvez, um alerta aos homossexuais brasileiros – em especial, os cariocas – que viviam flanando e se divertindo pelo Rio de Janeiro a fora? É uma possibilidade. Principalmente, se observarmos a postura do jornal *O Rio Nu* ao fazer piada com a sua orientação sexual. Relacionando ambos os textos, há uma postura dupla sobre a homossexualidade de Wilde: ela é digna de piada e riso, mas é cabível de punição judicial. É como se indiretamente existisse um aviso: “Homossexuais do Rio de Janeiro, cuidado! Vocês estão sendo observados”. Ao incluirmos nessa hipótese os textos que falam sobre sua vestimenta, a exemplo do *Gazeta de Notícias*, há uma adição da excentricidade. No fim, a homossexualidade no final dos Oitocentos e início dos Novecentos, à luz de parte da imprensa brasileira, parece ser uma frivolidade ligada à vestimentas e vinda do Velho Mundo, digna de pilhéria e chacota, mas que será sempre imoral, cabível de punição para aqueles que não se comportassem.

Esse texto foi um exercício de investigação sobre a vida de Oscar Wilde com o interesse de descobrir o que parte da imprensa brasileira falou sobre o seu processo judicial, evento de relevância para a história moderna da Inglaterra. Foi também uma proposta que visou ressaltar ainda mais a importância do acervo digital da Biblioteca Nacional que gerou pesquisas de extrema relevância para a ciência brasileira e que ainda fomenta investigações sobre fatos e personagens cativantes desde que os pesquisadores o abordem com curiosidade e bons problemas de pesquisa. Foi, ao fim, uma pequena amostra do quão cativante foi Oscar Wilde, figura que permanece viva em movimentos e redes sociais, figura que segue *causando* sempre que é mencionado. Sua premonição segue viva até hoje: ele é famoso e não menos notável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Homossexualismo (a libertinagem no Rio de Janeiro): estudo sobre as perversões do instinto genital.** Rio de Janeiro: Laemmert, 1906 apud GREEN, James N. Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

A PACOTILHA: hebdomadario critico e noticioso. São Luis, MA: Pacotilha, 1881- . Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/pacotilha/168319. Acesso em: 02 mai. 2024.

ARTE: Revista Internacional. Coimbra, 1896. Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/arte/896519. Acesso em: 02 mai. 2024.

BECKSON, Karl. **Oscar Wilde and the Green Carnation.** English Literature in Transition, 1880-1920, v. 43, n. 4, 2000, p. 387-397. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/367465. Acesso em: 04 mai. 2024.

BOCK (org.). Dicionário Moderno, Rio de Janeiro: Tipografia Rebello Braga, 1903 *apud* PRETI, Dino. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. As muitas faces do dândi. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças; MUCCI, Latuf Isaias (org.). **Manual do dândi.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 62-70.

COSTA, Valmir. **O Menino do Gouveia: A história real que inspirou o primeiro conto homoerótico brasileiro de 1914.** Projeto História, v. 69, 2020, p. 419-457. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/47879. Acesso em: 4 mai. 2024.

DUVAL, E. B. Stick me with a sunflower. William Andrews Clark Memorial Library. 1882.

ELLMANN, Richard. **Oscar Wilde.** Nova York: Vintage Books, 1988. E-book.

FERREIRA, Stella Maria. Wilde: um dândi por excelência no palco do mundo. In: COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças; MUCCI, Latuf Isaias (org.). **Manual do dândi.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 130-136.

GAINES, Jane. **Contested Culture: The Image, the Voice, and the Law.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

GAZETA de Notícias. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Gazeta de Notícias, 1875-1956. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730. Acesso em: 02 mai. 2024.

GREEN, James N. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GUERRERO, Javier. **The Politics of Citing: José Martí, Oscar Wilde, and the Renaissance of Author Photography.** Journal of Latin American Cultural Studies, v. 28, n. 3, p. 427-447, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13569325.2019.1654441. Acesso em: 04 mai. 2024.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Emile Seignot-Plancher e Comp., 1827. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568. Acesso em: 02 mai. 2024.

HOLLAND, Merlin. **O Álbum de Oscar Wilde.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSMOS: revista artistica, scientifica e litteraria. Rio de Janeiro, RJ: Typ. Kosmos, 1904. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420. Acesso em: 02 mai. 2024.

MINAS Geraes : orgam official dos poderes do estado. Ouro Preto, MG: Imp. de Minas, 1892-1900. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/minas-geraes/291536. Acesso em: 02 mai. 2024.

NOSFERATO, Bruna. **O Oscar Wilde era gay de humanas** [...]. 22 jan. 2024. X/Twitter:

@spacelabmachine. Disponível em: https://x.com/spacelabmachine/status/1749567491330703853?s=20. Acesso em: 02 mai. 2024.

O COMMERCIO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1893-1908. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=227900. Acesso em: 02 mai. 2024.

O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: orgão do partido republicano constructor. Vitória, 1882. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estado- espirito-santo/229644. Acesso em: 02 mai. 2024.

O MERCURIO: magazine para commercio, industria e artes. Rio de Janeiro, RJ: Offic. de Artes Graphicas, 1898. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/mercurio/308730. Acesso em: 02 mai. 2024.

O PAIZ. Rio de Janeiro, 1884-1934. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691. Acesso em: 02 mai. 2024.

O RIO NU. Rio de Janeiro, 1898-1916. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736. Acesso em: 02 mai. 2024.

OSCAR WILDE on the Platform. The National Police Gazette. 1882.

PRISONERS on the treadwheel at Pentonville Prison (1895). Disponível em: https://www.metamute.org/editorial/articles/riot-polit-econ. Acesso em: 03 mai. 2024.

SARONY, Napoleon. **Oscar Wilde.** The Metropolitan Museum, 1882.

THE RIO NEWS. Rio de Janeiro, 1874. Disponível em: http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-news/349070. Acesso em: 02 mai. 2024.

TORRES, Fernanda. **A glória e o seu cortejo de horrores.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray.** Organizador: Nicholas Frankel. Tradutor: Jorio Dauster. São Paulo: Globo, 2013.